

História e Memórias: Traços de Territórios Negros em Pelotas/RS¹

Historia y Memorias: Trazos de Territorios Negros en Pelotas/RS

History and Memories: Traits of Black Territories in Pelotas/RS

Cristiane Bartz de Ávila²

Maria de Fátima Bento Ribeiro³

Ângela Mara Bento Ribeiro⁴

Resumo

Neste texto propomos uma reflexão acerca dos espaços urbano e rural da cidade de Pelotas, situada no Rio Grande do Sul, Brasil. Temos como objetivo principal demonstrar alguns dos territórios negros da cidade, no século XIX, e sua possível relação com o presente, século XXI, observando os traços que marcam as histórias e as memórias de determinados sujeitos. No trabalho, enfatizamos os aspectos da cultura que se entrelaçam criando identidades, fronteiras simbólicas e memórias. Nosso interesse por esse tema refere-se a nossa trajetória acadêmica e humana no que tange aos estudos sobre Culturas, pois ao estudarmos a Cultura dos Quilombolas, oportunizamos discussões sobre grupos considerados “minorias” em nossa sociedade. Finalizamos a proposta com a certeza de que outras reflexões se fazem necessárias para que histórias e memórias possam ser difundidas e reconhecidas como parte de nosso Patrimônio Cultural.

Palavras-Chave: Cultura; Fronteira; Território.

Resumen

En este texto proponemos una reflexión acerca de los espacios urbano y rural de la ciudad de Pelotas, situada en Rio Grande do Sul, Brasil. Tenemos como objetivo principal demostrar algunos de los territorios negros de la ciudad, en el siglo XIX, y su posible relación con el presente, siglo XXI, observando los rasgos que marcan las historias y las memorias de determinados sujetos. En el trabajo, enfatizamos los aspectos de la cultura que se entrelazan creando identidades, fronteras simbólicas y memorias. Nuestro interés por este tema se refiere a nuestra trayectoria académica y humana en lo que se refiere a los estudios sobre Culturas, pues al estudiar la Cultura de los Quilombolas, oportunizamos discusiones sobre grupos considerados "minorías" en nuestra sociedad. Finalizamos la propuesta con la certeza de que otras reflexiones se hacen necesarias para que historias y memorias puedan ser difundidas y reconocidas como parte de nuestro Patrimonio Cultural.

Palabras claves: Cultura; Frontera; Territorio.

¹ Trabalho apresentado no III Encontro Humanístico Multidisciplinar e II Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares – Interloquções com o contexto político atual, realizado nos dias 7 a 9 de novembro de 2017 na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)/campus Jaguarão.

²Doutoranda em Educação; Universidade Federal de Pelotas; Faculdade de Educação; Bolsista CAPES; Membro dos grupos de pesquisas *Culturas, Poder e Fronteiras* e *Gestão, Currículo e Trabalho Docente*; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; crisbartz40@yahoo.com.br.

³Professora Doutora no Curso de Relações Internacionais; Universidade Federal de Pelotas; Pós-doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteira; Universidade Unioeste; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; mfabento@gmail.com.

⁴Professora Doutora no Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo; Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)/campus Jaguarão; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; angetur.ribeiro8@gmail.com.

Abstract

In this text we propose a reflection about the urban and rural spaces of the city of Pelotas, located in Rio Grande do Sul, Brazil. We have as main objective to demonstrate some of the black territories of the city in the 19th century and its possible relation with the present moment, 21st century, observing the traits that mark the histories and the memories of certain subjects. In the work, we emphasize the aspects of the culture that intertwine creating identities, symbolic borders and memories. Our interest in this theme refers to our academic and human trajectory in relation to studies on Cultures, because when we study the Culture of Quilombolas, we opportunize discussions about groups considered "minorities" in our society. We end the proposal with the certainty that other reflections are necessary so that histories and memories can be disseminated and recognized as part of our Cultural Patrimony.

Keywords: Culture; Border; Territory.

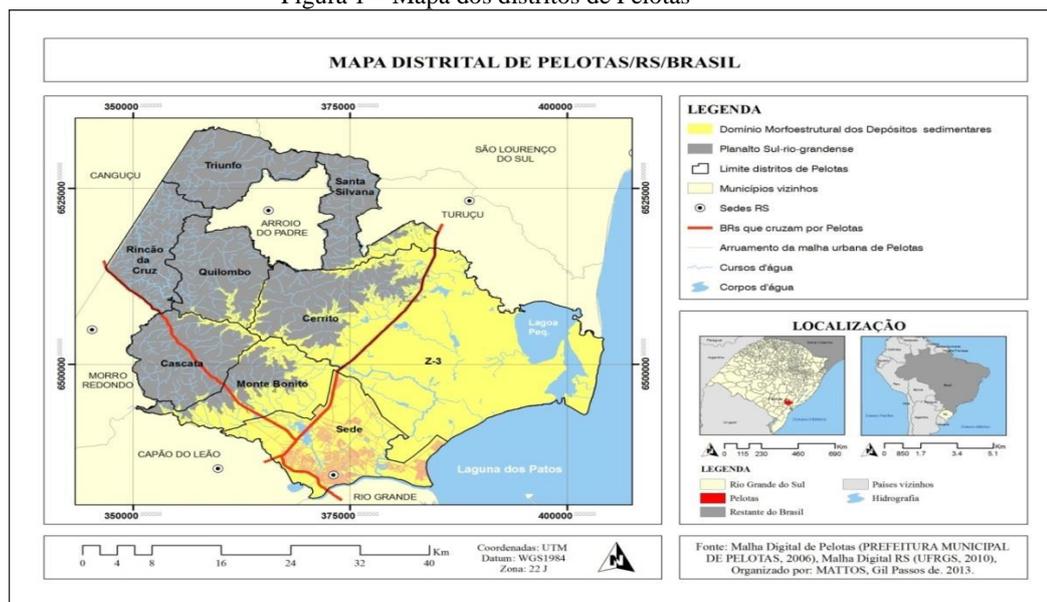
1. Primeiras Palavras

Neste texto objetivamos, a partir de reflexões propostas, demonstrar alguns dos territórios negros na Cidade de Pelotas, situada no interior sul do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, precisamente no século XIX. Para tanto, recorreremos ao pensamento de Michel de Certeau (1994) como embasamento teórico, para tratarmos do espaço como um lugar praticado.

Certeau (1994) menciona que “não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras” (p. 209). Segundo ele, o relato precede práticas sociais para dar legitimidade às mesmas. Ainda em seu estudo, o autor nos traz os conceitos de pontes e de fronteiras como elementos mediadores e articuladores entre dois atuantes, sejam, atores, sujeitos.

Por analogia, apoiamos-nos em suas palavras para mapear a Cidade de Pelotas como espaço de fronteira entre o centro urbano e a zona rural, cuja paisagem é natural e de peculiar toponímia. Essa paisagem torna-se responsável pelas delimitações de fronteiras definidas: zona rural, Serra dos Tapes, território de resistência e liberdade, e zona urbana, território de escravidão. Vejamos a ilustração do mapeamento, seguida das especificações de cada espaço.

Figura 1 – Mapa dos distritos de Pelotas



Fonte: Malha Digital de Pelotas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2006), Malha Digital RS (UFRGS, 2010). Organizado por MATTOS, Gil Passos de (2013). Disponível em: ÁVILA, 2014, p. 24.

2. Os espaços da cidade de Pelotas

2.1. Zona urbana

No mapa acima, a área em amarelo delimita a zona urbana da Cidade de Pelotas/RS. Neste espaço, durante o século XIX, desenvolveu-se a indústria saladeril, responsável pelo crescimento econômico da região, em que as charqueadas fabricavam o produto que era exportado para o centro do país e, até mesmo para outro país como é o caso de Cuba. Com o lucro deste processo vinham da Europa produtos de luxo e ideias desta cultura, tais como peças teatrais e saraus. Nesse contexto, foram construídos monumentos de “pedra e cal”⁵, muitos destes projetados por artistas europeus, tais como Aldo Locatelli, José Isella etc. A Cidade, assim, prosperou e foi palco de muitos eventos patrocinados por conta da circulação monetária advinda da atividade econômica citada.

Entretanto, Pelotas era considerada uma Cidade muito rigorosa no que tange à questão da repressão à escravidão; era o lugar o qual ameaçavam os escravizados considerados insubordinados de serem vendidos. Essa questão exigiria uma análise mais detalhada, entretanto, podemos citar a questão da insalubridade, por exemplo, quanto à produção do charque, pois a salga da carne era feita na beira dos arroios e os escravizados ficavam molhados, com os pés e as mãos expostos ao sal, o que os levava a ter frieiras incuráveis.

⁵ Monumentos de “pedra e cal” referem-se a elementos do patrimônio cultural ligados ao patrimônio material, tais como: prédios, estátuas, obeliscos, geralmente atrelados à cultura das elites, conforme Funari e Pelegrini (2008).

Saint-Hilaire (1974) em visita à Pelotas⁶, na época, descreveu a região urbana como aprazível, com pomares, mas revelou com detalhes a difícil vida dos escravizados, principalmente de uma criança que servia a casa de Gonçalves Chaves. Em suas palavras,

Há sempre na sala um pequeno negro de 10 a 12 anos, cuja função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço criatura mais infeliz que essa criança. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca! Passa a vida tristemente encostado à parede e é frequentemente maltratado pelos filhos do dono. À noite chega-lhe o sono, e, quando não há ninguém na sala, cai de joelhos para poder dormir. Não é esta casa a única que usa esse impiedoso sistema: ele é frequente em outras (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 73).

Com exceção das charqueadas que foram construídas na beira dos Arroios, principalmente o Pelotas e o Santa Bárbara, um dos principais espaços repressor era o atual Centro Histórico da Cidade⁷. No entorno da Praça Coronel Pedro Osório, no local do Chafariz que conhecemos atualmente como Fonte das Nereidas existiu um Pelourinho. Ao ser substituído o pelourinho pela fonte deparamos-nos com uma ação que contribuiu com o apagamento da memória coletiva sobre a escravidão, a nosso entender⁸.

Figura 2 – Chafariz das Nereidas



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=foto+do+chafariz+das+nereidas&rlz=1C1AVNC_enBR689BR689&tbm=isch&imgil=22Y1G2T50XVa8M%253A%253BEmQOMNAbY9aumM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fpu3yka.c

⁶ Entre os anos de 1816 e 1822, publicando a obra *Voyage à Rio Grande do Sul – BRÉSIL - 1820-1821*, [Orleães, 1887], em francês. Ainda no século XIX, esta obra foi traduzida por Leonam de Azeredo Penna e publicada em 1935. A edição utilizada neste trabalho data de 1974.

⁷ Tomamos por base tal afirmativa tendo em vista ser a Câmara Municipal o local de concentração das autoridades locais. A mesma era responsável pelo código de posturas que determinava os espaços os quais os escravizados podiam frequentar e as regras para tal.

⁸ Gostaríamos de salientar que embora representasse uma memória da dor, o pelourinho poderia ser resignificado ao invés de esquecido.

om.br%25252FPelotas%25252Fregiao%25252Fcentral%25252Fimagens%25252Fpraca%25252F_praca1.htm&source=iu&pf=m&fir=22Y1G2T50XVa8M%253A%252CEmQOMNAbY9aumM%252C_&usg=__PAvAOEHBMv5pcHB9nvASaO0oerE%3D&biw=1366&bih=662&ved=0ahUKEwj7hsmg9dbQAhUDx5AKHURGBI8QyjcIOA&ei=uCVCWPvKHYOOwwTEjJH4CA#imgrc=22Y1G2T50XVa8M%3A>. Acesso em:20.10.2016

Sobre esse ponto, os autores Nora (1993), Le Goff (1991) e Ricoeur (2007) são importantes para nos ajudar a compreender o que são “lugares de memória”. Segundo Nora (1993) “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (p. 22). O autor escreve sobre a importância dos “lugares de memória” para que a memória coletiva se constitua, em sua proposição, é preciso ter “vontade de memória” (p. 22).

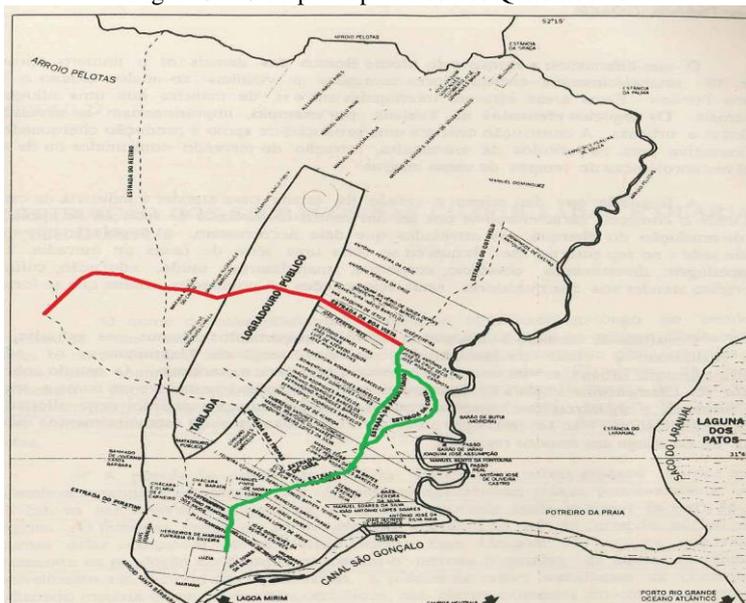
No próprio Paço Municipal onde eram tomadas decisões das autoridades que eram representados pela elite charqueadora, temos documentos sobre as medidas que deveriam ser tomadas para a repressão às fugas ou às insubordinações. Conforme pesquisado no Processo Crime contra o Quilombola Mariano⁹, os espaços e os lugares da Cidade eram permeados pelo confronto. Nesse ponto, traçando um paralelo com a obra de Arantes (2000) temos a Cidade “como um agregado de tensões e conflitos que se espacializam num amálgama de múltiplos territórios (ou lugares) e não lugares” (p. 125). E mais, “nesse contexto espacial de lugares e fronteiras entrecruzados formam-se as sociabilidades [...]” (ARANTES, 2000, p. 125).

Pelo nosso trabalho analítico, os Quilombolas tinham acesso aos espaços da Cidade, tanto considerados de repressão quanto os considerados de liberdade. Eles tinham uma intensa rede de relações que os possibilitava a circulação nesse espaço, ainda intencionavam ir às senzalas, consideradas espaços de repressão, libertar os que ali permaneciam, tomando o poder. Esse fato só não se concretiza porque o grupo fora traído (cf. ÁVILA, 2014).

Abaixo, destacado na cor vermelha, apresentamos o percurso descrito como locais de circulação dos Quilombolas; e na cor verde, o percurso que os Quilombolas revoltosos intencionavam fazer para tomar a Câmara Municipal. Observamos:

⁹Este processo encontra-se na APERGS, Município de Pelotas, **Cartório do Júri nº 81**, Maço 3A, 141 E7, E/141c CX:006.0300.

Figura 3 – O mapa do percurso dos Quilombolas



Fonte: GUTIERREZ, 1993, p. 177. Disponível em: ÀVILA, 2014, p. 96.

2.2. Zona rural

Na zona rural de Pelotas, a partir dos documentos primários e da tradição oral, podemos apontar um local ideal para a busca da liberdade através das fugas e aquilombamentos. Local de difícil acesso, a região é também conhecida como Serra dos Tapes. Retomando a figura 1 deste texto, podemos visualizar a região cinza, com vários elementos da paisagem natural que possibilitavam sua utilização como abrigo e esconderijo.

Figura 4 – Vista do Morro do Quinongongo



Fonte: ÀVILA, 2014, p. 120.

O morro disposto acima, denominado Quinongongo, é um local de difícil acesso à população pelotense, pois está localizado na zona rural da Cidade, apontado pela Comunidade como o local onde os Quilombolas do século XIX se refugiavam. Localizado no distrito Triunfo, o Morro tem mais de 380 metros de altitude. Na imagem acima, podemos visualizar uma plataforma de pedra que possibilita o sujeito avistar de um lado a cidade de Pelotas, e de outro lado, a Cidade de Canguçu.

Na época, o Morro possibilitava avistar as “partidas”¹⁰ que vinham da zona urbana procurar os Quilombolas. Segundo a tradição oral, estes ficavam no alto dos locais de sentinela, e ao localizar algum perigo davam o aviso para que as pessoas mais frágeis se escondessem. Neste local, há uma caverna que dá acesso ao pé do Morro onde passa o Arroio Quilombo.

Em reportagem do Jornal *Diário Popular* do dia 26 de novembro de 2000, o Padre Luiz Armino Cappone, que há quase 30 anos é responsável pela paróquia da Colônia Maciel, localizada a aproximadamente 35 quilômetros do local onde existiu o quilombo, relata:

“Eram três quilombos ao todo: O Quilongongo, o Jesus de Nazaré e o Santa Maria. No primeiro, dizem que chegaram a viver quase 100 famílias”, conta. Localizado em um cerro de 90 hectares, em meio ao que hoje é a localidade de Rincão da Cruz, 8º distrito de Pelotas, o quilombo era, segundo o Padre, um lugar bem protegido e equipado com túneis e mirantes de pedra construídos pelos próprios escravos. **A posição geográfica privilegiada permitia que os ex-escravos pudessem avistar a aproximação das tropas da intendência a pelo menos 20 quilômetros de distancia.** O que numa época onde os soldados andavam principalmente a pé, garantia-lhes tempo mais do que suficiente para esconderem-se ou prepararem a defesa do quilombo. Enquanto que as gigantescas pedras e o terreno acidentado surgiam como barreiras naturais capazes de garantir ainda mais a segurança do lugar e dos fugitivos, que em meio à mata regozijavam a liberdade. A organização do quilombo era, segundo o padre Cappone, muito parecida com a de outros locais semelhantes, baseada principalmente na vida comunitária, onde tudo pertencia a todos. Os outros dois quilombos estavam localizados num perímetro de 15 quilômetros do Quilongongo. Porém, segundo o padre Cappone, nestes dois locais as populações eram muito reduzidas, se comparadas com o primeiro, ficando em no máximo 30 famílias em cada local. “No Santa Maria os negros podiam vislumbrar a área hoje ocupada por Pelotas, Canguçu e Morro Redondo, enquanto que no outro as formações rochosas garantiram abrigo e seguranças para os fugitivos,” comenta [aspas do Jornal] [grifo nosso] (CAPONNE, 2000, p. 08).

Pelo relato do Padre Capone ao veículo de comunicação da Cidade em questão, podemos constatar que tais palavras corroboram com outros depoimentos da comunidade local, conforme trabalho de campo realizado para a dissertação de mestrado de Àvila, (2014),

¹⁰ Os charqueadores armavam e pagavam homens para formar um exército que tinha como objetivo procurar escravizados fugidos.

sobre a importância do Morro do Quinongongo para a sobrevivência dos Quilombolas do século XIX.

Tendo em vista a questão já citada sobre o “apagamento da memória coletiva” (cf. Ricouer, 2007) de uma época a qual não era valorizada a história das “minorias” (cf. APPADURAI, 2009 e PESAVENTO, 2005), entendemos que há um movimento atual o qual a ênfase das pesquisas se faz através do estudo do patrimônio cultural imaterial. O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN)¹¹, que no Brasil é o órgão responsável pelas políticas de valorização patrimonial, passou a promover debates interculturais, pautando suas ações no conceito também de Cidadania Cultural.

A cultura e a cidadania ganham destaque como importantes elementos de inclusão e valorização na promoção de um diálogo intercultural, em que as culturas afrodescendentes e indígenas são trazidas para reflexões. Nesse sentido, é reconhecido que a cultura não é homogênea, mas atravessada por contradições e conflitos. Nogueira (2008) desenvolve a ideia do reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional valorizando a identidade dos afrodescendentes.

Diante do exposto acima, acreditamos que o debate deve estar sempre em foco, se faz necessário manter um diálogo intercultural, o qual as diferenças devem ser levadas em conta numa premissa de igualdade de opiniões e de decisões, em busca de melhores condições cidadãs independente da classe, etnia ou gênero.

3. Considerações Finais

Ao longo do texto procuramos demonstrar os territórios da Cidade de Pelotas marcados durante o século XIX pela repressão e pela resistência à escravização. Ao trazermos à tona essa discussão, traçamos uma fronteira simbólica entre o rural e o urbano. Entretanto, concordamos com Lowenthal (1998) quando o autor salienta que “mesmo bem documentado o passado permanece igualmente fugidio” (p. 73). Assim, acreditamos que se faça necessário criarmos “suportes de memória” para que a memória coletiva possa ser preservada, sempre respeitando as necessidades dos grupos sociais de uma forma democrática na escolha do que deve ser preservado.

Nesse fio condutor de nossa reflexão, trazemos, ainda, Rolnik (1994) para pontuarmos a relação entre a história e as memórias. Utilizando-nos das ideias da autora podemos escrever

¹¹ Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, que durante muito tempo valorizou somente o patrimônio material, também denominado “pedra e cal”. Nas últimas décadas há um novo olhar, valorizando também os saberes-fazer das comunidades e grupos “minoritários”, o que está ligado às discussões sobre patrimônio imaterial.

que uma rua ou local da cidade está carregada de história e de memória sendo assim, esta carregada de experiências que o sujeito teve ou que seu grupo teve neste espaço.

Diante do exposto, utilizamos tal proposição para exemplificarmos as relações da Cidade de Pelotas para além de ruas, simples ruas, pois os territórios apontados no presente texto, os quais outrora foram sinônimos de dor, foram resignificados e ainda podem assumir sentidos outros, reverberando memórias através de seus traços, recuperando histórias de luta e de resistência. Quiçá outros sentidos possam ser estudados para que memórias sejam representadas e as “minorias” possam ser ouvidas.

Referências

APPADURAI, Arjun. *O Medo ao Pequeno Número: ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

ARANTES, Antônio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Imprensa Oficial, 2000.

ÁVILA, Cristiane Bartz; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. Cultura, multiculturalismo e interculturalidade: as "tias minas" da cidade de Pelotas-RS e seu legado cultural. *II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (CONINTER)*, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

ÁVILA, Cristiane Bartz. *Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, RS*. 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CAPPONE, Luiz Armindo. Pelotas teve megaquilombo: Escravos que atuavam nas charqueadas criaram um dos seus maiores refúgios no Estado. *Jornal Diário Popular*. Pelotas, 2000, p. 08, 26 nov., 2000.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LE GOFF, Jacques. *Memoria*. El orden de la memoria. El tiempo como imaginário. Barcelona, España: Editorial Paidós, 1991.

LOWENTHAL, David. Projeto História: Trabalhos da memória. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. PUC/SP, n. 17, nov., 1998.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. *Anos 90*, Porto Alegre: v.15, n. 27, jul., 2008.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História 10*. São Paulo, dez., 1993.

FUNARI, Pedro Paulo & PELEGRINI, Sandra. *O que é patrimônio Cultural Imaterial*. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROLNIK, Raquel. *O que é a Cidade*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1994.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821*. Traduzido por Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.